

REVISTA MARACANAN

Dossiê

A cidade de Lima Barreto e o centenário de sua morte: algumas linhas autobiográficas

*The city of Lima Barreto and the centenary of his death: some
autobiographical lines*

Renata Figueiredo Moraes*


Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.


Recebido em: 15 set. 2022.

Aprovado em: 04 nov. 2022.



* Professora Adjunta de História do Brasil do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do *Laboratório de Estudos das Diferenças e Desigualdades* (LEDDES – UERJ) e pesquisadora do *Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho* (LEHMT - UFRJ). (renatafmoraes@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0003-0117-9826>

 <http://lattes.cnpq.br/7422043520205798>

Resumo

Partindo de 1922 e dos obituários da morte do literato Afonso Henriques de Lima Barreto, o texto propõe a leitura de uma parte da sua obra, considerando o autor um homem negro, morador da capital e dos subúrbios da cidade. Essa leitura é feita em diálogo com uma bibliografia que investigou o Rio de Janeiro, a literatura e os seus romancistas, entre eles o próprio Lima Barreto. Dentre os aspectos abordados nesse texto estão a relação de Lima com a República, os subúrbios, o futebol, o centenário da independência e sua negritude. Pretende-se nesse texto oferecer um caminho de leitura das obras de Lima Barreto para os leitores que pouco o conhecem e para os que há muito não o lê. O centenário de sua morte é uma boa ocasião para homenageá-lo e sua obra deveria ser leitura obrigatória nos cursos de história, ciências sociais, letras e demais disciplina da área de humanas.

Palavras-chave: Literatura. Lima Barreto. Rio de Janeiro. Pós-abolição.

Abstract

Starting from 1922 and from the obituaries of the death of literary man Afonso Henriques de Lima Barreto, the article proposes the reading of part of his work, considering the author as a black man, resident of Brazil's Federal Capital and from the suburbs of the city. This reading is done in dialogue with a bibliography that investigated Rio de Janeiro, literature and its novelists, among them Lima Barreto himself. Among the aspects addressed in this text are Lima's relationship with the Republic, the suburbs, football, the centenary of independence and its blackness. The aim of this text is to offer a way of reading Lima Barreto's works for readers who know little about him and for those who have not read him for a long time. The centenary of his death is a good occasion to honor him and his work should be required reading in courses in history, social sciences, letters and other disciplines in the humanities.

Keywords: Literature. Lima Barreto. Rio de Janeiro. Post-abolition.

No dia 1 de novembro de 1922, dia de todos os santos, no bairro do mesmo nome, morrera em casa, na rua Mascarenhas 26, aos 41 anos, o escritor Afonso Henriques de Lima Barreto.¹ O escritor era solteiro e não deixara nem mulher e nem filhos, apenas irmãos e um pai doente, João Henriques de Lima Barreto, que morreria na mesma casa dois dias depois aos 69 anos. A notícia da morte do literato saiu em todos os jornais de pequena e grande circulação da cidade do Rio de Janeiro, onde crescera e se tornara autor de obras que retratavam suas ruas e sujeitos.

Lima Barreto estivera ausente das vistas de amigos dias antes da morte e a notícia do seu falecimento pegou todos de surpresa, como pode ser visto nos rápidos obituários que tratam do inesperado acontecimento. Seu enterro foi realizado no dia de finados e a chuva que caía sobre a cidade deixava o ambiente ainda mais triste para aqueles que admiravam o escritor. Nos dias seguintes, longos textos foram publicados em vários jornais, cujos autores tentaram traçar algumas características da personalidade do literato e das suas obras.

O romancista era o “amigo dos desgraçados” (A NOITE, 7 nov. 1922); “romancista dos humildes e dos desesperados” (A NOITE, 4 nov. 1922) e “tecelão de romances vivos” (A NOITE, 2 nov. 1922). Suas qualidades de romancista se confundiam com sua personalidade: o “psicólogo carregado e amargo das nossas ruas” (A NOITE, 2 nov. 1922), “escritor consciencioso e preciso” (JORNAL DO BRASIL, 2 nov. 1922); “espírito insubmisso” (CARETA, 9 nov. 1922); “inteligência robusta”, “romancista de índole” (O JORNAL, 3 nov. 1922); “um familiar à intimidade dos infelizes” (ÁRVORE NOVA, jan. 1923). Na ocasião da sua morte era tido como “o maior romancista da sua geração” (O PAIZ, 3 nov. 1922); e autor de linhas que observavam a vida dos operários e pequenos empregados dos subúrbios, vendo neles “a energia sadia da raça reagindo contra muito charlatanismo triunfante” (JORNAL DO COMMERCIO, 3 nov. 1922), sendo “um dos mais perfeitos observadores da cidade em que conviveu” (JORNAL DAS MOÇAS, 9 nov. 1922). Sua origem não foi esquecida na ocasião da sua morte e parecia ser lembrada a cada aparição que fazia nas livrarias e cafés do centro da cidade que tanto frequentara: “Esse mestre do romance brasileiro, que a morte acaba de levar, era um mulato sujo e borracho que os literatos, quando estavam na Avenida, fingiam em não o ver passar” (O PAIZ, 20 nov. 1922).

Em poucas ocasiões, nesses textos, sua cor era mencionada, tido como “humilde de origem, na cor e no destino” (O BRASIL, 10 nov. 1922) e com “sensibilidade mestiça” (A NOITE, 7 nov. 1922). A menção à cor era feita de forma peculiar, associada a uma aparência desleixada: “Lima Barreto vestia-se mal, não se barbeava, o cabelo de mestiço cobria-lhe as vezes as orelhas, e por isso a roda de literatura *chic* evitava-o; admirava-lhe o talento (que remédio) mas

¹ Esse texto não pretende abordar com detalhes a vida de Lima Barreto. Existem duas excelentes biografias, a de Francisco de Assis Barbosa (2003), publicada originalmente em 1952, e uma mais recente de Lilian Schwarcz, de 2017. Recomendo a leitura dessas obras para conhecer com mais profundidade a vida do literato.

não o queria no seu convívio. É triste, mas é natural e humano” (D. QUIXOTE, 8 nov. 1922). A vida “*bohemia*” foi recorrentemente associada a ele, que parecia carregar um fardo que teria terminado com a morte: “fugindo em tempo aos grilhões que o acorrentavam à vida, Lima Barreto teve assim, a fortuna de não sobreviver a si mesmo...” (ABC, 4 nov. 1922).

Seu talento já havia sido celebrado antes mesmo da sua morte, no próprio ano de 1922. Poucos dias após seu aniversário, o jornal *A Rua* do dia 15 de maio publicara uma homenagem a Lima Barreto, lembrando que a data gloriosa do Brasil, o 13 de maio, tinha valor no mundo das letras por ser o natalício de Lima Barreto, “romancista primoroso, artífice do vocabulário, fazendo da frase um documento e da ideia um culto”, mas o texto o reconhece como um homem pobre, mas genial, *bohemio* que passava de café em café convivendo com ignorantes e pretenciosos. Nesse mesmo ano, um pouco antes da sua morte, se tornara colaborador da *Revista Suburbana*, que o classificou como “príncipe dos literatos do subúrbio” (3 set. 1922).

Além dos jornais lamentarem sua morte, alguns órgãos fizeram nota de pesar, como o Conselho Municipal (O JORNAL, 7 nov. 1922) e a Liga Suburbana de Futebol, esporte tão atacado por Lima em vida mas que se solidarizou com a perda do literato, registrando em ata o voto de pesar e os pêsames à família (O PAIZ, 8 nov. 1922). A Academia Brasileira de Letras, onde Lima Barreto nunca teve assento, através do acadêmico Osório Duque-Estrada lamentou sua morte e conferiu também em sua ata uma nota de pesar. O autor da letra do Hino Nacional, oficializada meses antes da morte de Lima, em sua coluna publicada semanalmente no *Jornal do Brasil*, “Registro literário”, se referiu a Lima como a “maior vocação de romancista manifestada nestes últimos vinte anos” (JORNAL DO BRASIL, 8 nov. 1922).

Apresentar o que era pensado sobre Lima Barreto na ocasião da sua morte, há cem anos, é uma excelente forma de começar um texto breve sobre a trajetória de um literato negro que viveu na capital da República no pós-abolição, num período marcado por uma ideia de *Belle Époque* e no pós-guerra, encerrando sua “participação” logo após os grandes festejos pelo centenário da independência. Os primeiros anos republicanos e seus reajustes políticos fizeram com que o jovem Lima passasse de um estudante de engenharia a funcionário público, exercendo o cargo de amanuense na Secretaria de Guerra (MICELI, 2001, p. 34), e responsável pelos cuidados com o seu pai. No trânsito feito por Lima Barreto entre o seu local de trabalho e sua residência, ele observava uma cidade em construção, a despeito das permanências e heranças dos tempos do Império e da colônia e, principalmente, da escravidão. Essas heranças eram perceptíveis na cidade, mesmo com o esforço dos governantes e das autoridades policiais na eliminação desses rastros. A cidade é o cenário preferido de Lima Barreto para os seus textos, que ao andar por suas ruas integra à sua rotina uma análise cotidiana de seus moradores e hábitos, assim como reconhece os limites que a capital da República impunha a um homem como ele: morador do subúrbio, trabalhador e não branco, que para alguns era mulato e mestiço.

O escrito literário e autobiográfico é um caminho para entender a cidade e seu morador, um eterno transeunte que não ficou preso no seu bairro ou no seu posto de trabalho e nem na sua categoria social. Lima Barreto quis mais, quis arriscar ser o que quisesse, mas as barreiras

econômicas e sociais, principalmente por conta da sua cor, o impediram de sê-lo totalmente. Na sua literatura podemos ver um Lima em disputa com o que pretendiam que ele fosse.

Porque...o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto e ele far-me-à grande (DIÁRIO ÍNTIMO,² 26 de dezembro [1904], p. 469).

Os limites impostos a ele por essa sociedade marcaram sua vida, estão em sua literatura, o fizeram grande, e diante de tantas formas possíveis para ler suas obras escolhemos algumas temáticas que podem servir de guia de leitura aos interessados em entender um período da nossa história através da sua biografia e literatura. O centenário de morte de Lima Barreto é um momento chave para que haja a releitura desse material publicado em diferentes espaços, livros, jornais, pasquins, revistas, diários, e republicados constantemente em formas de coletâneas por diversas editoras. Um sucesso editorial que não foi visto pelo autor que constantemente questionava se a publicação dos seus livros daria frutos. Lima morreu sem fazer sua grande obra, um romance que descrevesse a vida e o trabalho dos negros numa fazenda, seu *Germinal* negro (DIÁRIO ÍNTIMO, p. 498),³ numa referência à obra de Émile Zola.⁴ De fato, o interesse de Lima pela escravidão poderia estar ligado à sua data de nascimento, dentre outros motivos. E é a partir dessa data que começo a refletir sobre a obra do autor.

O 13 de maio de Lima Barreto

A vida de Lima Barreto começou num 13 de maio de 1881. Sua mãe, Amália Augusta, era filha de escrava alforriada e neta de escrava africana (SCHWARCZ, 2017, p. 31;40). A mãe de Lima teve acesso à educação e tornou-se diretora de escola. Pai de Lima, João Henriques, era filho de escrava com português e um importante tipógrafo da Imprensa Nacional, apadrinhado de Afonso Celso de Assis Figueiredo, o Visconde de Ouro Preto, por isso o nome dado a seu filho, Afonso Henriques de Lima Barreto.

Em 1888 a mãe de Lima já era falecida, e ele, junto com o pai e os irmãos, morava na Rua Riachuelo, próxima à região onde ocorreu a movimentação pública pela Abolição. Sua memória do evento apareceu em alguns textos. Seu pai o levava ao Largo do Paço, no domingo, 13 de maio, quando houve a assinatura da lei da Abolição da escravidão. Em 1911 ele relatou o mês de maio, mês das flores, a partir dessa sua lembrança (GAZETA DA TARDE, "Maio", 4 maio 1911). Além de estarem na comemoração imediata da Abolição, pai e filho também estiveram na missa realizada em São Cristóvão e que contou com a presença da Princesa Isabel. Ela foi

² Sempre que possível será colocada a origem da primeira publicação do texto, mesmo que a leitura desse material tenha sido feita a partir de coletâneas, devidamente identificadas na bibliografia ao final do texto.

³ Possivelmente escrito entre os dias 12 e 14 de janeiro de 1905.

⁴ *Germinal* é um romance histórico do autor francês Émile Zola, publicado em 1885. O contexto da obra é uma greve de mineiros no Norte da França, quando há a organização dos trabalhadores, apesar dos problemas enfrentados por eles para superar a fome e diante das dificuldades impostas pelos empregadores com a continuidade da greve.

vista pela criança Lima Barreto na ocasião do préstito escolar promovido pela imprensa fluminense e que contou com a presença dos filhos da Princesa (MORAES, 2012, p. 89). A prática de rememorar a abolição e seus festejos no período republicano não era exclusividade de Lima e a cada ano alguns literatos, testemunhas ou não do processo, produziram textos, crônicas, poesias e romances que lembravam esse tempo único na vida do país (cf. MORAES, 2018a). Lima Barreto foi uma jovem testemunha da festa, e lembrou em sua crônica da distribuição de folhetos e jornais feita por literatos e tipógrafos em comemoração ao fim da escravidão.⁵ A celebração que testemunhara enquanto criança não fazia tanto sentido porque, segundo ele, nunca conhecera um escravo. Por essa sua memória, a cidade do Rio de Janeiro parecia livre da escravidão mesmo antes da assinatura da lei. Porém, naquele momento da escrita Lima já conhecera *a posteriori* os “aspectos hediondos” da escravidão e os vestígios deixados por esse regime, principalmente para uma sociedade que repudiava homens como ele, não brancos.

A memória da Abolição continuava viva em 1917, quando escreveu para *O Debate* a crônica “São Paulo e os estrangeiros” (p. 468). Nela, o autor compara sua lembrança de dois eventos próximos: a Abolição e a República. Da Abolição, como já afirmara, ele se lembrava e tinha vivas recordações, o que não acontecia com a República, dizendo que só se recordava de patrulhas andando pelas ruas e da demissão de seu pai. A República foi o alvo de Lima Barreto no livro *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicado em 1915.⁶ Num enredo que misturava tipos sociais com histórias próprias, estava o Policarpo, que, entre tantas ações patrióticas, a principal – quando se tornara voluntário no batalhão favorável a Floriano nas revoltas contra seu governo – foi determinante para o seu triste fim. Difícil dissociar o triste fim desse personagem com a República do vivido por Barreto e sua família. A proximidade do pai de Lima, João Henriques, com o Império se dava por conta do apadrinhamento que tivera do Visconde de Ouro Preto, responsável pelos estudos do próprio Lima Barreto. João Henriques foi tipógrafo da Imprensa Nacional e da *Tribuna Liberal*, órgão vinculado ao Visconde de Ouro Preto. Com a República e as perseguições políticas, o pai de Lima foi demitido da Imprensa Nacional em 1890 e o jornal *Tribuna Liberal* fechado logo em seguida (SCHWARCZ, 2017, p. 76). A influência de Ouro Preto permitiu que João Henriques fosse indicado para o cargo de escriturário, almoxarife, até chegar à administração da Colônia dos Alienados, na Ilha do Governador. A República proclamada em novembro de 1889 daria fim a um progresso profissional de João Henriques, que era influente tipógrafo e no ano anterior havia traduzido do francês para o português um manual de tipografia bastante elogiado por seus pares. O jovem e futuro literato, nesse período, quando estourara a Revolta da Armada, estudava no Liceu Popular de Niterói e por muitas vezes foi impedido de ir visitar o pai na colônia, por conta das agitações da cidade diante da revolta e da repressão por parte de Floriano Peixoto.

⁵ Um desses literatos foi Machado de Assis, que escreveu uma poesia distribuída nos préstitos e das sacadas dos jornais. Sobre essas poesias ver VENANCIO, 2007 e MORAES, 2018b.

⁶ Em 1911 começou a ser publicado em forma de folhetim no *Jornal do Comércio*, saindo diariamente entre 11 de agosto e 19 de outubro, e foi publicada em livro em 1915, pela *Revista dos Tribunais*, tendo Lima pago pela publicação (SCHWARCZ, 2011, p. 12).

Lima Barreto não era um entusiasta da República em que vivia. Em 1921 comparou a falta de notícias nos jornais sobre as comemorações do aniversário da República com o anúncio da morte da Princesa Isabel, ocorrida no dia 16 de novembro desse mesmo ano. Na ocasião, confessou ter simpatia pela falecida Princesa e aproveitara para tratar dos anos republicanos e seus efeitos na sociedade. A crítica de Lima era sobre o estado de miséria que vivia uma parte da população, enquanto a República gastava em obras públicas. E por isso questiona:

Não será, pensei de mim para mim, que a República é o regímen da fachada, da ostentação, do falso brilho e luxo de *parvenu*, tendo como *repoussoir* a miséria geral? Não posso provar e não seria capaz de fazê-lo ("15 de novembro", CARETA, 26 nov. 1921, p. 655).

Lima reconhece a concomitância entre a miséria do povo e os luxos da República, e como ela não teria sido capaz de eliminar essa discrepância. Ainda assim reconhece ao final da crônica: "Entretanto – eu o sei bem – o 15 de novembro é uma data gloriosa, nos fastos da nossa história, marcando um grande passo na evolução política do país" (*Idem*). Não tinha como Lima escapar da República e dos seus contrastes.

Em crônica meses antes na própria revista *Careta*, Barreto também tratara das condições de pobreza da população, a partir da comparação entre as casas do Mangue e da "cidade nova" e as do Morro da Favela, visível na região. Em fevereiro, Barreto perguntara: "Seria necessário aquele *repoussoir* para afirmar a beleza dos bairros chamados *chics*?". O constante uso do termo *repoussoir* faz sentido a partir da explicação dada por Rafael Cardoso: "termo usado em artes plásticas para designar uma figura representada no plano próximo de um quadro com o intuito de reforçar a ilusão de profundidade" (2022, p. 42). A miséria geral e as casas do Morro da Favela seriam um pano de fundo da sociedade republicana vivida por Lima, transitada por ele pelos trilhos dos trens e bondes, pela andança nas ruas e lendo os jornais.

A República não trouxera ilusões para o literato, e nem ocupava espaço em suas memórias como o fazia a Abolição, que parecia fazer mais sentido e talvez por isso permaneceu viva em suas lembranças. O golpe sofrido pelo Império atingira a família de Lima Barreto e talvez provocara um esquecimento proposital dos seus fatos. O agito da República, que parecia se consolidar a cada presidente, era vivido no cotidiano por Lima, que deixava escapar nos seus escritos suas ideias. A República e a cidade precisavam ser decifradas, traduzidas, e as elites precisavam olhar para o interior da Nação, para seus semelhantes, como bem lembrara Sevcenko (1999, p. 12). Na crítica ao cosmopolitismo, Lima parecia se oferecer como intérprete, tradutor desse outro Rio de Janeiro – o dos subúrbios, das ruas, da miséria geral – para os da Zona Sul, os da academia, os letrados, ao mesmo tempo em que traduzia essa outra cidade para seus vizinhos, moradores de um subúrbio que não estava nos cartões postais e nem nas vistas das autoridades públicas. Lima aproximava as diferentes cidades.

“O subúrbio é o refúgio dos infelizes”

A frase título dessa seção está no livro *Clara dos Anjos* (2012, p. 118), publicado de forma póstuma e escrito por Lima durante anos, conforme mencionado no seu diário. O subúrbio foi o refúgio da família Lima Barreto. Depois de nascer em Laranjeiras, fazer algumas mudanças ainda com a mãe viva, morar na região do Centro em alguns endereços (entre eles a Rua Paula Mattos e a Riachuelo – essa após o falecimento da mãe), Lima Barreto e sua família mudaram para a Ilha do Governador nos primeiros anos republicanos. No ano de 1902, João Henriques deu sinais de perturbação mental e a família optou por sair da Colônia e ir para uma região mais afastada, o Engenho Novo (SCHWARCZ, 2017, p. 131). É nesse momento que começa a vida de Lima Barreto nos subúrbios e seu constante trânsito entre essa região periférica com o centro. No seu livro *Clara dos Anjos*, ao falar dos subúrbios, ele indica que era para lá que iam os que haviam perdido empregos ou encontrava-se em condições ruins de vida, tendo como alternativa se refugiar nos subúrbios. De fato, essa foi a realidade da família de Lima diante do adoecimento de seu pai e dos poucos recursos da família.

Essa mudança foi marcante na vida do nosso literato e os subúrbios apareceram repetitivamente nas suas crônicas e romances. Os bairros onde morou, Engenho Novo e Todos os santos, por vezes pareciam ser apenas um dormitório, após uma longa jornada fora de casa, seja por conta do trabalho ou devido às andanças pelas ruas do centro do Rio e em bairros como Botafogo. Em seus escritos ele biografa tais regiões e seus moradores, sendo quase um *outsider* nesses ambientes. É um observador que por vezes olha por cima, ou para o lado, mas não está integrado.

A percepção de que Lima não pertencia a nenhuma parte da cidade talvez esteja ligada à peculiaridade da capital federal, que tentava se alinhar a uma conjuntura internacional voltada para uma ideia de modernidade e desenvolvimento, mas não sendo isso nada mais que uma ambição narcísica de se tornar um pólo irradiador de princípios e valores (O'DONNELL, 2008, p. 42).

A cidade vivida por Lima Barreto era a mais palpável, a mais próxima da realidade, apesar de ler em jornais e revistas, e até acompanhar o encaminhamento político, uma atmosfera que tentava aproximá-la das suas congêneres estrangeiras. A literatura de Lima Barreto mostra esse contraste em muitos momentos, especialmente no seu último ano de vida, com o movimento moderno de São Paulo e o centenário da Independência na capital, quando o passado imperial era reescrito e louvado sem julgamentos.

Essa cidade narcísica e irreal foi ocupada pelo literato a partir de diferentes aspectos. Pelo viés de ser intérprete dos pontos da cidade, a região de Botafogo era um alvo pela vaidade do bairro e de seus ocupantes, a vaidade de ser o *Rio*, “o resto é a cidade indígena, a cidade negra”, e pelos governantes, que sintetizavam toda a cidade em apenas um bairro (“Botafogo e os pró-homens”, p. 158). Não nos custa lembrar o quanto o bairro está na gênese da cidade, quando em 1565 Estácio de Sá, representante português, fundara a cidade entre dois morros a fim de evitar a tomada da região ou por franceses ou por indígenas (cf. ALENCAR, 2017). Das

imediações da atual Urca, a cidade mudou para o Morro do Castelo e desceu para as proximidades, nascendo assim uma cidade escravista, africana e indígena.⁷ Lima Barreto parece entender que o bairro pelo qual ele pouco passeava representava um outro tipo de cidade, diferente daquela que ele via ao cruzar os bairros do subúrbio até chegar ao Centro. Botafogo se diferenciava por suas ruas que não eram como as do Centro, cheias de transeuntes, principalmente homens e mulheres negros e negras trabalhadoras. Suas impressões sobre Botafogo também passam por sua vivência no hospital e pela escolha que fez em vida de ser enterrado no São João Batista, distante da sua realidade e próximo ao Hospício onde estivera por duas vezes. Na sua primeira anotação no *Diário de um hospício*, indicou que se houvesse terceira internação sairia de lá direto para o São João Batista (4 de janeiro de 1920, p. 673). E Lima foi para São João Batista em 1922, após sua morte em Todos os Santos. Alguns meses antes havia escrito sobre a tristeza nos enterros de Inhaúma, cemitério da região onde morava. Descreveu para o leitor os rituais que pareciam ser típicos daquela área, como o de levar a pé os mortos ou por “coche puxado por muares” em ruas tão irregulares que, segundo ele, era capaz de ressuscitar algum defunto (“Os enterros de Inhaúma”, p. 183-187). Parecia ser a função de Lima descrever os subúrbios nas suas particularidades e tristezas que não pretendia compartilhar, como a de um enterro no cemitério de Inhaúma.

Uma crônica clássica sobre o trânsito entre o subúrbio e o Centro é “De Cascadura ao Garnier”, de julho de 1922. No trânsito que fazia para chegar à livraria *Garnier*, importante local de encontro de literatos e interessados em leitura na Rua do Ouvidor, Lima parecia voltar ao passado e assim descrever uma parte da cidade que dizia ser até então desconhecida, apesar de por ali terem passado carruagens de reis, príncipes e imperadores. Agora passavam os trilhos do bonde da *Light* na região esquecida pela municipalidade. Lima, ao descrever o caminho do bonde, lembra do passado:

(...) e eu vejo delinear-se uma nova e irregular cidade, por aqueles capinzais que já foram canaviais; contemplo aquelas velhas casas de fazenda que se erguem no cimo das meias-laranjas; e penso no passado.

No passado! Mas...o passado é um veneno. Fujo dele, de pensar nele e o bonde entra com toda força na embocadura do Manguê (“De Cascadura ao Garnier”, p. 178-9).

O passado que insistia em aparecer na paisagem entre Cascadura e a Ouvidor é o da escravidão. Em 1922, quando se preparava o centenário da Independência na região central frequentada por Lima, o passado da escravidão era esquecido. E ele pretendia esquecer também, apesar de visualizar suas marcas, seja na paisagem e na lembrança dos antigos canaviais, seja nas ruas do Centro, no cotidiano que enfrentara na cidade racista e quando sonhava em escrever a história dos negros nas fazendas, talvez inspirado nessas idas e vindas entre Cascadura e *Garnier*.

⁷ Na crônica “E o tal Balázio?” (CORREIO DA NOITE, 21 jan. 1915, p. 707), Lima comenta da inauguração de um monumento a Estácio de Sá e trata da fundação da cidade, que para ele era “um desejo de comunhão, de associação” e não apenas guerras.

Ainda em 1922, Lima estreou como colaborador da *Revista Suburbana* e publicou o texto “Meditem a respeito”, que enfocava o subúrbio e seus moradores. Nesse texto tratava da espera do povo em relação às ações do governo para solucionar diversos problemas, de variadas origens, e sobre como os governantes não estariam à altura dessas expectativas, principalmente as dos moradores dos subúrbios. A região é valorizada por Lima, que lembra do personagem Dom Casmurro, que estaria escrevendo a história dos subúrbios, e era um morador de uma dessas chácaras do Engenho Novo. Lima, para a *Revista Suburbana*, é o representante dos subúrbios, seu “príncipe”, e defensor de uma harmonia que deveria existir nas ruas, seja a dos bairros afastados do Centro ou da vizinhança onde morava, mesmo ele rejeitando essa “realidade” (REVISTA SUBURBANA, 3 nov. 1922).⁸ Em 1922, Lima merecia o título por já ter inserido a região na literatura e, para Schwarcz, na geografia imaginária da cidade (2017, p. 166).

O período das festas do carnaval pode ter inspirado nosso literato a produzir uma crônica que sintetizava os “Bailes e divertimentos suburbanos” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 7 fev. 1922). Mesmo não sendo um adepto desse tipo de diversão, Lima é sua testemunha por viver num bairro que preservava os festejos ou os adaptava de acordo com as condições dos seus festeiros. O mote da crônica foi um baile ocorrido em frente à sua casa e uma conversa com sua irmã, que o esclarece sobre as diferenças entre os ritmos, algo totalmente desconhecido por ele. A partir disso, Lima vai lembrando e pensando no passado, nos bailes, e na forma como as casas eram feitas, com privilégio ao tamanho da sala, por conta das festas que lá poderiam ocorrer. Segundo ele, isso tudo mudara uma vez que as famílias pobres viviam em cômodos cada vez menores. Lima via os bailes da sua região e o esforço de algumas famílias em promover mensalmente esse tipo de divertimento. No entanto, arriscara num palpite:

Sem receio de errar, entretanto, pode-se dizer que o baile familiar e burguês, democrático e efusivo, está fora da moda, nos subúrbios. A carestia da vida, e exiguidade das casas atuais e a imitação da alta burguesia desfiguraram-no muito e tendem a extingui-lo. (“Bailes e divertimentos suburbanos”, p. 173)

Mesmo não sendo um homem da diversão, o autor identifica uma mudança de hábitos provocada também pelo empobrecimento da população. Como seria possível manter os festejos sem um espaço para tal, uma vez que as casas só diminuía de tamanho? Enquanto os bailes iam reduzindo, outra prática cultural tomava conta dos subúrbios: o futebol. Lima não tinha com escapar de falar do esporte sem criticar “tanta grosseria” que era colocada no ambiente, alterando uma realidade cultural, principalmente dos subúrbios:

A única novidade que notei, e essa mesma não me apreço ser grave, foi a de festejarem a vitória sobre um rival, cantando os vencedores pelas ruas, com gambitos nus, a sua proeza homérica com letra e música da escola dos cordões carnavalescos. Vi isto só uma vez e não garanto que essa hibridação do samba mais ou menos africano com o futebol anglo-saxônio se haja hoje generalizado nos subúrbios. Pode ser, mas não tenho documentos para tanto afiançar (“Bailes e divertimentos suburbanos”, p. 174).

⁸ A revista teve um tempo curto e possivelmente esse foi o único texto publicado. O último número disponível na *Hemeroteca Digital* é o de 23 de setembro. No dia 23 de outubro, o jornal *A noite* notícia que a publicação seria suspensa para remodelação e que voltaria em breve.

Lima merecia ter visto as escolas de samba cantando o futebol para provar sua desconfiança de 1922. As festas dos subúrbios, mesmo não sendo por ele frequentadas, eram indícios de uma vida que já não existia mais. As causas para esse fim estavam ligadas, novamente, à pobreza da população, mencionada no final da crônica, reproduzida abaixo nos dois últimos parágrafos a fim de mostrar Lima como tradutor de um tempo, dos seus pares:

O subúrbio não se diverte mais. A vida é cara e as apreensões muitas, não permitindo prazeres simples e suaves, doces diversões familiares, equilibradas e plácidas. Precisa-se de ruído, de zambumba, de cansaço, para esquecer, para espancar as trevas que em torno da nossa vida, mais densas se fazem, dia para dia, acompanhando *pari-passu* as suntuosidades republicanas.

Ele não mais se diverte inocentemente; o subúrbio se atordoa e se embriaga não só com o álcool, com a lascívia das danças novas que o esnobismo foi buscar no arsenal da hipocrisia norte-americana. Para as dificuldades materiais de sua precária existência, criou esse seu paraíso artificial, em cujas delícias transitórias mergulha, inebria-se minutos, para esperar, durante horas, dias e meses, um aumentozinho de vencimentos... ("Bailes e divertimentos suburbanos", p. 175)

Lima justifica a diversão. Ela servia para o esquecimento de uma realidade que era vivida por ele também. Em 1922 já era aposentado, e contava com poucos recursos para manter sua família e seu pai doente. Publicar seus livros havia lhe tirado dinheiro, sem um retorno imediato. Nessas condições, como seria possível festejar e não recorrer ao álcool? Mesmo seus vizinhos conseguindo em algum momento esquecer a vida precária, nem todos eram iguais, e nosso literato preferia insistir numa literatura que denunciava a miséria e a precariedade da população num regime de suntuosidades republicanas. Ao escrever sobre o subúrbio em 1922, Lima já sabia dos preparativos para celebrar o centenário da Independência e, conseqüentemente, pensar num passado e rememorá-lo. Passado muito diferente daquele visto por ele quando pegava o bonde de Cascadura e lembrava da escravidão. Em 1922, o grito do Ipiranga não ecoava em todos os lugares, principalmente nos subúrbios, que resistiam com algum tipo de batuque e gritos de gol para celebrar a vitória de alguns desconhecidos.

1922: o ano de Lima Barreto

Muitas das crônicas até agora analisadas foram publicadas em 1922. Conforme já foi dito, no seu aniversário desse mesmo ano Lima Barreto recebera homenagens e parecia estar em plena forma literária. Talvez por isso a ousadia em ver os eventos de fevereiro, em São Paulo, com olhar mais crítico e duvidoso sobre a modernidade que aqueles "modernos" pretendiam apresentar.

O ano do centenário começara com um grande evento, que ficou conhecido posteriormente como *Semana de Arte Moderna* de São Paulo. Lima, na crônica "O futurismo", se admira com a capacidade de São Paulo de mandar "novidades velhas de quarenta anos" e que ele chamara de "futurismo". O literato fluminense conhecera a "novidade velha" de São Paulo através da revista *Klaxon*, que ele achava ser de automóveis americanos, devido ao nome diferente e típico desse país. O que viu na revista não serviu de novidade para Lima, que parece

conhecer as bases do que ele chama de futurismo e que estaria pautado nas artes propostas pelo movimento de São Paulo.

No seu texto de agosto de 1922, o centenário da Independência aparece sendo festejado pelos jornais, principalmente através dos esportes, especialmente o *football*, que na visão crítica de Lima fazia da cidade um imenso campo ("O nosso esporte", ABC, 26 ago. 1922). Por anos Lima vinha escrevendo sobre o esporte e entrando em embate com outros que apoiavam a prática, tal como Coelho Neto, respeitado literato da cidade e membro da ABL. Para Lima Barreto o futebol se tornara um alvo de críticas, dentre outros motivos, pelo espaço que a atividade vinha ocupando na cidade e os recursos financeiros que angariava do governo. Na crônica "O nosso esporte" a crítica é voltada aos subsídios públicos que o *football* recebia, enquanto outros artistas ficavam à espera de uma subvenção:

Bem haja o conselho municipal que protege o desenvolvimento físico das pernas de alguns marmanjos! Ele se esquece de estimular os poetas, os músicos, os artistas naturais ou filhos adotivos da cidade que representa; mas, em compensação, dá "arras" de sua admiração pelos exímios 'pontapedistas' de toda a parte do mundo. É mesmo essa a função de uma municipalidade. ("O nosso esporte, ABC, 26/8/1922).

A crítica aos poderes públicos era constante nas crônicas de Lima Barreto, ganhando especial atenção as ações voltadas àquilo que ele não via como prioridade, como o futebol, fortemente disseminado na cidade em 1922 e fazendo parte da programação para a celebração do centenário da Independência. Na crônica publicada um mês depois do grande evento ("Congressos", CARETA, 7 out. 1922, p. 180), o literato afirma ter participado à distância dos festejos por conta da fragilidade da sua saúde (ele morreria algumas semanas depois). Acompanhando pelos jornais as celebrações, destacou o excesso de eventos esportivos como um todo. Entre os esportes praticados na ocasião do centenário, de acordo com Lima, estavam os que envolviam cavalos, bolas, pés, sendo a celebração "da nossa capacidade esportiva", mesmo não havendo nada parecido em 1822 (*Ibidem*, p. 181). Sabemos por Lima a respeito das celebrações, mesmo que à distância, e que as partidas de algum jogo concorreram com as práticas discursivas das autoridades na ocasião do centenário ("Uma surpresa de exposição", CARETA, 11 nov. 1922). Ou seja, o futebol e outros esportes eram uma realidade na cidade, e Lima entendeu sua derrota nessa partida vendo que em todos os grupos sociais a prática esportiva estava disseminada (PEREIRA, 1998, p. 217).

"É triste não ser branco" – Lima Barreto e o racismo

Lima Barreto descreveu uma parte do seu cotidiano na publicação que ficou conhecida como *Diário Íntimo*, deixando fortes impressões sobre o racismo que sofrera e os limites que este impunha a homens como ele. Nem todas as anotações possuem data ou referências mais completas sobre os acontecimentos narrados, havendo situações que parecem estar sendo digeridas e interpretadas ainda no calor do momento. Lima tinha noção das barreiras que uma

cidade que se achava branca e que não enxergava homens de outras cores impunha a ele e aos seus semelhantes.

As anotações do diário começam em 1903, com a promessa de que no futuro escreveria a “História da escravidão negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade” (p. 452). Lima sentia, ainda jovem, que o seu país tinha uma marca e que seus escritos iriam desvendá-la para aqueles que, assim como ele, não viveram o tempo mas sentira na pele seus efeitos. As anotações no diário revelam um Lima oscilando entre pessimismo e um esforço de escrever causos ficcionais que pudessem servir de metáforas, possivelmente, para descrever alguma ocasião do seu cotidiano. Um exemplo disso apareceu numa anotação, sem data, mas anterior a de janeiro de 1904, sobre um curso de filosofia ministrado por ele e para ele, afirmando ter a filosofia o papel de explicar até nos seus últimos fundamentos a existência do mundo (p. 455). Possivelmente essas explicações que buscava na filosofia seriam a respeito de seu destino, ou seja, a saga que ele enfrentara com a família e suas tentativas em busca do reconhecimento literário, algumas vezes frustradas, sendo esses assuntos recorrentes na sua escrita. Os seus diários (íntimo e do hospício) parecem explicar sua existência e justificar atitudes e vivências. Sua produção autobiográfica nos ajuda a entender esse homem que vivia a angústia de uma vida com limitações financeiras e de afeto. As limitações vividas por ele passavam por sua cor, e Lima era ciente disso.

Nas suas anotações os casos de racismo aparecem de forma frequente. Um caso relatado por ele e já mencionado nesse texto diz respeito a um guarda na sua repartição que o confundiu com um contínuo, o que era constante e mexia com sua vaidade (p. 469). Essa confusão nos remete aos obituários que ressaltavam as vestimentas e o jeito de Lima. De acordo com esses textos, ele era um homem negro talentoso mas com umas vestimentas que não mostravam seu talento, e sim “desleixo”. Lima sabia desde sempre que o que o definia estava longe de ser o tipo de roupa, mas sim a cor, que o confundia com um trabalhador sem especialidade, como deveria ser alguma parcela dos homens negros nessa cidade recém-saída da escravidão. Em outra anotação no seu diário afirmava uma realidade vivida por ele: “a capacidade mental dos negros é discutida *a priori* e a dos brancos, *a posteriori*”. (p. 478)

Essa consciência racial é muito forte em Lima e em seus escritos e refletem o seu cotidiano entre o subúrbio e a região do centro, com suas ruas divididas entre trabalhadores negros e transeuntes brancos. Lima não era nem um nem outro, parecia estar num não-lugar.

Porém, a frase que abre essa parte do texto é mais um exemplo do conhecimento dos limites da sociedade do pós-abolição e foi escrita como conclusão de algo por ele vivido, quando entrara na esquadra americana, em visita ao Rio de Janeiro. De acordo com Lima, todos entraram sem convite, e apenas para ele foi pedido um. Lima recebera o convite por conta da Secretaria, mas a necessidade dessa comprovação o aborrecera e o fez constatar o motivo desse pedido: não ser branco (24 de janeiro de 1908, p. 539).

A anotação seguinte do diário demora alguns dias, 10 de fevereiro, quando relata sua viagem ao município de São Gonçalo para visitar um amigo da Secretaria. Suas impressões

sobre o lugar lembram seu olhar para o subúrbio, visão pessimista e que remetia a vida das pessoas que ali viviam a um passado recente:

Casas baixas, pintadas de azul, de oca; janelas quadradas; espessas escadas de tijolos e pedras, que dão acesso a portas baixas; fisionomias indolentes de homens pelas portas das vendas; mulheres: negras, brancas e mulatas – tristes, de longos olhares, em que há desejos de volúpias e sonhos de festas, de bailes, fantásticos, de envolvedoras agitações de todo o corpo, capazes de as fazerem esquecer e quebrar a monotonia daquela vida pobre e triste que levam, tão parecida ainda com a senzala, em que o chicote disciplinador de outrora ficou transformado na dureza, na pressão, na dificuldade do pão nosso de cada dia (10 de janeiro de 1908, p. 540).

A escravidão não escapa de Lima, e parecia ser a justificativa para as pobrezaas que ele enxergara naquela população. No entanto, seu passado era lembrado por ser ali a origem dos seus avós maternos. De fato, Lima não se libertara da escravidão:

Eu, olhando aquelas casas e aqueles caminhos, lembrei-me da minha vida, dos meus avós escravos e, não sei como, lembrei-me de algumas frases ouvidas no meu âmbito familiar, que me davam vagas notícias das origens da minha avó materna, Geraldina. Era de São Gonçalo, de Cubandê, onde eram lavradores os Pereiras de Carvalho, de quem era ela cria (p. 541).

Lima continua observando a região e procurando por seus parentes, ou imaginando tê-los, e da escravatura que saíra sua avó teriam restado poucos, dos quais ele seria o que mais prometia e que mais ambições possuía (p. 542).

De acordo com Lilian Schwarcz, a mãe de Lima, D. Amália, tinha como padrinho Manuel Feliciano Pereira de Carvalho e era filha de escrava alforriada e neta de escrava que pertencia à família Pereira de Carvalho (2017, p. 31). Lima tinha noção da sua ascendência e talvez, ao passar por São Gonçalo, “reconhecesse” o lugar, não apenas de lembranças vagas ditas por sua mãe a ele, ainda pequeno, mas por ver a escravidão ainda ali presente, tal como via nos subúrbios alguns vestígios que o faziam remorar sempre esse tempo. Se escrevera que não conhecera nenhum escravo na época da Abolição, Lima sentia que a escravidão não terminaria com um simples ato da princesa. Em seus escritos não indica caminhos para eliminar as lembranças desse passado, suas anotações talvez servissem para ele não esquecer.

A cor era um impeditivo para a vida de outros homens negros. Em 10 de janeiro de 1905, Lima registra em seu diário uma situação peculiar. Na Secretaria o procurara o major Vital, “um pretinho, fulá, magrinho, de crânio deprimido, olhos quase à superfície da fisionomia, pele de sapato velho que nunca foi engraxado”. Vital o contara que estivera no Paraguai e obtivera honras militares, que foram aumentando até aparecer em Pernambuco um homem que dizia ser o verdadeiro Vital que estivera no Paraguai. O de Pernambuco era branco, e foi reconhecido como o verdadeiro, e o major negro, por isso, perdeu seu cargo de servente do Arsenal de guerra e ficou na miséria, com Lima tentando arrumar-lhe roupas velhas e uns cobres. Na mesma anotação, Lima tratava de outra injustiça: o atraso na nomeação do professor Hemetério (“é um negro”) para o cargo de professor do Colégio Militar. O motivo do atraso não é explicado pelas autoridades, mas Lima conclui a anotação desse dia: “É singular que, fazendo eles a República,

ela não o fosse de tal forma liberal, que pudesse dar um lugar de professor a um negro. É singular essa República” (p. 496).

Talvez esses escritos não fossem destinados à leitura do grande público e por isso Lima pudessem expressar de forma mais crua a sua consciência racial, apontando suas mazelas e suas vítimas. Porém, não poderia fugir da sua realidade para fazer sua literatura. De acordo com Nicolau Sevcenko, “todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo” (1999, p. 20). A sociedade do tempo de Lima era a do imediato pós-Abolição, e numa cidade que pretendia a todo custo ser Europa, mesmo que para isso precisasse apagar seu passado, permeado de homens e mulheres negros. O homem Lima Barreto, o Major Vital e o professor Hemetério não correspondiam a esse desejo cosmopolita da capital da República, e por isso precisariam criar mais forças para enfrentar as barreiras impostas a eles por conta da sua cor. O destino de Major Vital não sabemos, e Hemetério dos Santos se tornou professor das principais escolas do Rio de Janeiro e uma referência para os estudos sobre educação racial no pós-Abolição (cf. SILVA, 2015).

Sobre Lima, sabemos que de *Diário Íntimo* passou para um *Diário do hospício*, sempre relatando um cotidiano de dor e desânimo em relação à República, à saúde do pai, ao destino dos seus escritos e, principalmente, com o tratamento dado a ele por conta de sua cor. Lima sabia que era negro e sabia que isso não era impeditivo para a produção dos seus escritos. O investimento que fizera na literatura, e que nos agraciou com escritos que revelam uma personalidade e um tempo, comprovam que Lima estava certo em expressar seus valores e as revoltas produzidas pela sociedade do seu tempo. Agora nos resta ler e reler esse material pensando no homem suburbano, negro e literato.

Triste fim de Lima Barreto

O ano de morte de 1922 é emblemático e agrega, cem anos depois, inúmeras festividades. Nas comemorações pelo centenário do Brasil Independente, testemunhado por Lima, houve inúmeras celebrações oficiais para celebrar a grande efeméride na capital federal. Em 6 de setembro de 1922 o presidente Epitácio Pessoa decretava como oficial a letra do Hino nacional, que Lima há muito reclamara que não acabara nunca. De fato, a letra de Osório Duque-Estrada havia passado por um longo trâmite de aprovação e de campanha de adesão e difamação. O nosso literato estava ciente dessa prolongada discussão.

O 7 de setembro pôde ser cantado com a letra que começava ouvindo do Ipiranga o brado retumbante. O brado de Lima parece não ter sido ouvido cem anos depois. Em 2022 temos um outro país, talvez mais triste do que aquele que o literato deixara em novembro de 1922. As causas da tristeza passam pelos vestígios de uma pandemia que matou mais de 684 mil pessoas, muitos da mesma região e condição social que o literato, e pela existência de um governo que permanece não pensando na população. Se nos tempos de Lima a República privilegiava grandes

obras e maquiagens para disfarçar a pobreza e a miséria da sua população, cem anos depois, nem obras e nem maquiagens, apenas a permanência do descaso. O povo negro continua sendo o que mais sofre, nas mãos da polícia, do governo e da gente comum, que aprimorou práticas racistas ao mesmo tempo em que se orgulha delas. Cem anos depois, pouco falamos de Lima Barreto e do seu centenário de morte. Até a finalização desse texto [outubro de 2022], apenas uma simples exposição na sua cidade e uma pintura que o homenageia no subúrbio, seu local de vida e de morte, além de alguns textos publicados em revistas acadêmicas haviam sido realizados. A peça *Traga-me a cabeça de Lima Barreto*, estrelada por Hilton Cobra, está desde 2017 em cartaz e parte de uma sessão de autópsia fictícia da cabeça de Lima Barreto, em que o ator mistura textos de Lima e questões da atualidade, dando voz a um Lima contemporâneo e em diálogo com o seu tempo.⁹ Por fim, para o ano do seu centenário de morte foi anunciado o filme *Lima Barreto, ao Terceiro Dia*, que tem como mote a última internação no Hospício e tem o ator Luiz Miranda como Lima Barreto, com data prevista para estreia no dia 29 de setembro.¹⁰

Talvez Lima Barreto desconfiasse dessas produções, principalmente as que tentam “ler” sua mente, após inúmeras tentativas próprias de expressar seus sentimentos em diários, crônicas e romances. Mesmo assim, todas as homenagens são válidas, principalmente se provocarem novos leitores para suas obras. Precisamos conhecer e reler Lima, ver sua cidade pelo seu olhar – olhos de um homem negro, filho de um trabalhador e de uma professora e descendentes de escravos. Os escritos de Lima nos ensinam sobre a cidade e a República do pós-abolição e oferecem uma narrativa vinda de baixo, do povo.

⁹ *Traga-me a cabeça de Lima Barreto* (Monólogo). Texto de Luiz Marfuz. Direção: Onisajé (Fernanda Júlia). Brasil: 2017.

¹⁰ *Lima Barreto, ao Terceiro Dia*. Direção: Luiz Antonio Pillar. Produção de LaPilar Produções Artísticas. Brasil: 2019.

Referências

Bibliografia

ALENCAR, Agnes. A silenciosa construção de uma guerra: uma França Antártica indígena. *Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro*, n. 12, 2017, p. 297-322.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto, biografia*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/Academia Brasileira de Letras, coleção Coedições ABL, 2003 [1952].

CARDOSO, Rafael. *Modernidade em preto e branco. Arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945*. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

LIMA BARRETO, AO TERCEIRO DIA (Filme). Direção: Luiz Antonio Pillar. Produção de LaPilar Produções Artísticas. Brasil: 2019. Informações disponíveis em: <https://globofilmes.globo.com/filmografia/drama/filme/lima-barreto.ghtml>. Acesso em: 15 dez. 2022.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

MORAES, Renata Figueiredo. A festa da abolição do 13 de maio – comemorações, identidade e memória. In. ABREU, Martha; XAVIER, Giovana; MONTEIRO, Livia; BRASIL, Eric. (Orgs.) *Cultura negra*, vol. 1: festas, carnavais e patrimônios negros. Niterói: Eduff, 2018a.

MORAES, Renata Figueiredo. *As festas da abolição: o 13 de maio e seus significados no Rio de Janeiro (1888-1908)*. 2012. Tese (Doutorado em História) – Departamento de história, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MORAES, Renata Figueiredo. O "dia delírio" de Machado de Assis e as festas da abolição. *Machado Assis Linha*, São Paulo, v. 11, n. 23, p. 34-53, abril 2018 [2018b]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-6821201811233>. Acesso em: 15 dez. 2022.

O'DONNELL, Julia. *De olho na rua. A cidade de João do Rio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

PEREIRA, Leonardo. O jogo dos sentidos: os literatos e a popularização do futebol no Rio de Janeiro. In. PEREIRA, Leonardo & CHALHOUN, Sidney (Orgs.) *A história contada: Capítulos de História social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SCHWARCZ, Lilian M. Introdução. Numa 'encruzilhada de talvez' um grande romance aos pedados. In. BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Pinguim-Companhia das letras, 2011.

SCHWARCZ, Lillian M. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

TRAGA-ME A CABEÇA DE LIMA BARRETO. (Monólogo). Texto de Luiz Marfuz. Direção: Onisajé (Fernanda Júlia). Brasil: 2017. Informações disponíveis em: <https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/traga-me-a-cabeca-de-lima-barreto>.

VENANCIO, Renato Pinto (Org.) *Panfletos abolicionistas: o 13 de maio em versos*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Arquivo Público Mineiro, 2007.

Obras de Lima Barreto

"15 de novembro". In. *Lima Barreto: obra reunida*, volume 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

"Bailes e divertimentos suburbanos". In. RESENDE, Beatriz (Org.) *Lima Barreto, cronista do Rio*. Belo Horizonte: Autêntica editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2020.

"Botafogo e os pró-homens". In. RESENDE, Beatriz (Org.) *Lima Barreto, cronista do Rio*. Belo Horizonte: Autêntica editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2020.

"Congressos". In. RESENDE, Beatriz (Org.) *Lima Barreto, cronista do Rio*. Belo Horizonte: Autêntica editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2020.

"De Cascadura ao Garnier". In. RESENDE, Beatriz (Org.) *Lima Barreto, cronista do Rio*. Belo Horizonte: Autêntica editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2020.

"Diário do Hospício". In. *Lima Barreto: obra reunida*, volume 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

"Diário Íntimo". In. *Lima Barreto: obra reunida*, volume 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

"Maio". In. RESENDE, Beatriz (Org.) *Lima Barreto, cronista do Rio*. Belo Horizonte: Autêntica editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2020.

"Meditem a respeito". *Revista suburbana*, Rio de Janeiro, 1922.

"O Futurismo". In. *Lima Barreto: obra reunida*, volume 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

"O nosso esporte". In. RESENDE, Beatriz (Org.) *Lima Barreto, cronista do Rio*. Belo Horizonte: Autêntica editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2020.

"Os enterros de Inhaúma". In. RESENDE, Beatriz (Org.) *Lima Barreto, cronista do Rio*. Belo Horizonte: Autêntica editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2020.

"São Paulo e os Estrangeiros". In. *Lima Barreto: obra reunida*, volume 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

"Uma surpresa de exposição". In. RESENDE, Beatriz (Org.) *Lima Barreto, cronista do Rio*. Belo Horizonte: Autêntica editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2020.

Clara dos anjos. São Paulo: Pinguim-Companhia das letras, 2012.

Triste Fim de Policarpo Quaresma. São Paulo: Pinguim-Companhia das letras, 2011